

DARWIN

e sua passagem pela
Bahia durante o
Carnaval de 1832

TOM CARDOSO

lembranças de
Carnavais dos anos
70

NEYMAR

é do dibre mas não
é do zignau

ALAOR

o homem que odeia o
Carnaval

PAPO DE GALO__suplemento

19/fev/2021

RESSACA DE CARNAVAL PERSONAGENS

Darwin, Neymar,
Anitta, Marinalva,
Alaor e outros mais



PAPO DE GALO _ revista



A **Papo de Galo_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. E desde a edição de número 10, a revista ganhou novo corpo. Piauí, me aguarde!

Somos **9 colunistas**, dentre jornalistas, escritores, analistas políticos, administradores, advogados, cronistas, filósofos, antropólogos. Isso sem contar os convidados especiais que marcarão presença nas pautas principais de cada exemplar. E vou mencionar *em passant* os planos de contratação de diagramador e ilustrador, para elevar mais um passo no conteúdo da revista.

Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!

Voltando à introdução tradicional, agora em primeira pessoa:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro **“Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018”**, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Neste ano de 2020, lancei mais 2 livros novos de contos e crônicas: **“A inescapável breiguice do amor”** e **“Não aperte minha mente”**. Você pode comprá-los [AQUI](#).

Estou **colunista** no programa **Futebol S/A** na Rádio Sociedade da Bahia, no **Arena Rubro-Negra**, o maior e melhor site de torcedores do Vitória, e no **Aprendizagem Jurídica**. Estive 3 anos e meio anos no **Correio da Bahia** e 1 um ano e meio no **Huffpost Brasil**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR** a revista. Assine. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar esperando sua contribuição.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo

[Instagram.com/souogalo](https://instagram.com/souogalo)

e-mail: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço do Galo!

Faz tudo da revista: Gabriel Galo
Espero que em breve eu possa preencher este espaço com a equipe contratada para fazer a revista.
Uma publicação da Papo de Galo Comunicação e da Galo Consultoria.
Tiragem quinzenal. Revista online gratuita. Em breve, assinatura com edição física disponível. Quando? Não sei, pergunta difícil.
Enquanto isso, apoia aí, vai. Faz toda diferença.
Proibido reprodução total ou parcial dos textos sem autorização expressa dos autores.

**PORQUE O CARNAVAL
QUE NEM COMEÇOU
NÃO PODE TER
ACABADO.**

Por GABRIEL GALO

O conteúdo deste suplemento da revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.

© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0005

APOIA.se

São Paulo, 19 de fevereiro de 2021

REDES
SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo



gabriel@papodegalo.com.br



PAPODEGALO.COM.BR

COLUNISTAS DESSA EDIÇÃO




GABRIEL GALO
Administrador e escritor

   @souogalo

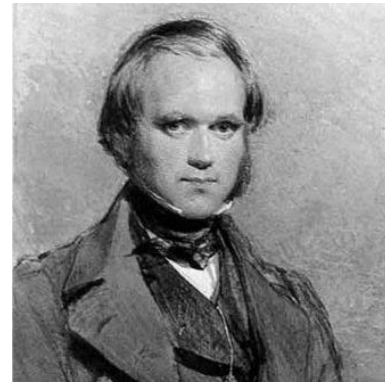
Baiano praticante desde 1982, Gabriel é administrador, empresário, pai e escritor, cronologicamente falando. Lançou 3 livros de contos e crônicas.



TOM CARDOSO
Jornalista e escritor

 @tom.cardosocardoso.98

Carioca, porém paulistano. Jornalista, escritor, cronista, biógrafo. Vencedor do Prêmio Jabuti 2012 na categoria Reportagem.



CHARLES DARWIN
Naturalista

Consulte seu médium

Herdeiro que poderia ser nada, mas acabou por mudar o mundo. Criador da Teoria da Evolução – uma descrição que, em si, já é uma contradição. Não aguentou o Carnaval de Salvador.

ATENÇÃO!

**TEVE SUPLEMENTO. EDIÇÃO LUXUOSA.
COM 2 CONTOS DO MEU LIVRO
“A INESCAPÁVEL BREGUICE DO AMOR”**

APOIS:

ASSINE JÁ!

>> [APOIA.SE/PAPODEGALO](https://apoia.se/papodegalo) <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E a gente precisa de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 10 reais por mês, só 2 cafezinhos? Bora?

ÍNDICE

_ ERA UMA VEZ...

... EM 1832

7

DARWIN NÃO ERA ASSIM TÃO EVOLUÍDO

(Artigo por Gabriel Galo)

... EM 1979 (OU POR VOLTA DE...)

24

TOM CARDOSO E OS PAIS QUE PULAVAM CARNAVAL

(Entrevista por Gabriel Galo)

(Crônica por Tom Cardoso)

... EM 2019

29

NEYMAR É DO DIBRE, MAS NÃO É DO ZIGNAU

(Crônica por Gabriel Galo)

_ CRÔNICAS

33

ALAOR

(Crônica por Gabriel Galo)

35

DICIONÁRIO MODERNO, EDIÇÃO 1 E 2 DE CARNAVAL

(Crônica por Gabriel Galo)

_ CONTOS

38

RETIRO DE CARNAVAL

(Conto por Gabriel Galo)

46

REMISSÃO DOS PECADOS

(Conto por Gabriel Galo)

7

ARTIGO POR GABRIEL GALO

A bordo do HMS Beagle, durante a viagem que culminou com a Teoria da Evolução das Espécies, um jovem Charles Darwin desembarcou em Salvador e experimentou brevemente a balbúrdia desenfreada do Carnaval baiano.

DARWIN NÃO ERA ASSIM TÃO EVOLUÍDO

Corriam as 11 horas da manhã do dia 28 de fevereiro de 1832, quando menino **Charles Darwin**, o próprio, rebento de recém-completados 23 anos, avistou irrompeu a Baía de Todos os Santos a bordo da embarcação britânica **HMS Beagle**. E ao avistar a costa da velha Cidade da Bahia, inocente, puro e besta como era (beijos, Raul), viu-lhe o queixo cair ao convés. Embasbacado, escreveu ao pai na pátria-mãe 2 dias mais tarde:

“NINGUÉM PODERIA IMAGINAR ALGO TÃO BONITO COMO A ANTIGA CIDADE DA BAHIA; ESTÁ ENVOLVIDA EM UM BOSQUE LUXURIANTE DE BELAS ÁRVORES .— & SITUADA EM UMA MARGEM ÍNGREME COM VISTA PARA AS ÁGUAS CALMAS DA GRANDE BAÍA DE TODOS OS SANTOS.”

As palavras de Darwin, que dali de Salvador seguiria viagem, passando por Abrolhos, Rio de Janeiro e Galápagos, para depois regressar à Europa e mudar a história da humanidade, têm caráter perene.

Não há ser que pongue num ferry boat voltando da Ilha de Itaparica que, ao se deparar com as curvas voluptuosas de uma urbe que se livrou do bosque luxuriante, dando-lhe vez ao frio e obtuso cimento, não se admire diante do cenário magnífico da velha Cidade da Bahia.

Séculos adiante, quase no tempo presente, [escreveu o cronista baiano](#), ora, eu mesmo:

“DAÍ QUE NA VOLTA (DA ILHA DE ITAPARICA) A MENTE VAI TENTANDO GUARDAR AS LEMBRANÇAS. UM EMARANHADO DE NOVIDADES, NOTAS MENTAIS E DESEJOS DE QUE NADA SE VÁ. POIS É NO ÁPICE DESTE MOMENTO QUE O MUNDO PARECIA PARAR. O SOL SE PUNHA NA ILHA, NA POPA, E EU ALI DEBRUÇADO, VIRADO PARA A CIDADE, NA PROA. O DIA PASSAVA O BASTÃO E A CIDADE ASSUMIA SEU POSTO COM ORGULHO. ERA UM MOVIMENTO ORQUESTRA DO, CADA PEDACINHO SE FAZENDO VISÍVEL, O BRILHO DA NOITE EXPLODINDO. À ESQUERDA, O BOMFIM. À DIREITA, SUBINDO O MORRO, SE VIA A IGREJA DE SANTO ANTÔNIO E, COM UMA BOA DOSE DE ESFORÇO, A JANELA VERMELHA DA CASA DE MINHA VÓ. SE PUDESSE PARALISAR UM INSTANTE, SERIA AQUELE. ERA HIPNOTIZANTE. NÃO HAVIA LUGAR MAIS LINDO DO MUNDO, NEM HAVERIA DE TER: AQUELE DO ENCONTRO DO QUE TINHA SIDO E NÃO SE QUERIA ESQUECIDO COM AS LUZES NA VELHA CIDADE DA BAHIA, COMO A DIZER, ‘PODE VIR, PORQUE AQUI TAMBÉM HÁ MAGIA.’”



Apois, leitoso Darwin, meti autorreferência para poder, em verdade mediúnica lhe dizer: eu te entendo.

Ok, estamos separados no tempo por quase 200 anos e algumas horas dentro do dia, mas Salvador tem dessas. E não importa quantas vezes se venha, ou se vá, o deleite é qual inédito.

Mas, sim, Carnaval.

Volto, agora, a me dirigir a você, pingado leitor, rara leitora, no papo para lembrar um naco de quem era Darwin e o Carnaval de antanho.

Branco como a neve, pálido como um Fiuk em BBB, Darwin carregava na face aquele ar de menino-amarelo, de quem foi criado na base do iogurte. No caso dele, iogurte de vacas holandesas, Danoninho britânico.

Era, portanto, o espelho do privilégio e dava confirmação ao estereótipo. Da rica família herdou mais que prestígio e fartos recursos. Ambos os avós eram abolicionistas – em parte explicando o horror ao ter se deparado com o escravagista Brasil; e um desses avós, Erasmus Darwin, escreveu Zoonomia (1794), livro que era uma fantasia poética que adiantava conceitos de evolução e descendente comum. Teve a quem puxar.

Na faculdade, Darwin primeiro seguiu para a Escola de Medicina da Universidade de Edimburgo, então a melhor instituição de ensino de medicina do Reino Unido, situada na cidade escocesa com a qual ele tenta comparar Salvador. Mas o negócio dele não era ser médico. E o pai, retado, mandou o filhote para a tradicionalíssima Universidade de Cambridge para que ele se tornasse um membro do clero.

(aqui, a língua ferina pode soltar que o bebê Charles tinha bem cara de coroinha, mas vamos deixar a chuva de estereótipos confirmados para depois.)

Mas Darwin ainda queria outra coisa.





Em Cambridge, Darwin estudou com o primo de segundo grau, William Darwin Fox. Foi quando Darwin, Dirceu, conheceu a coleção de borboletas de Fox e se apaixonou pelo tema. Dali foi estudar besouros, e seus trabalhos começaram a ser publicados. Fez-se naturalista. Pouco depois conheceu o professor **John Stevens Henslow**, colou no professor e não soltou mais. Esta parceria gerou frutos para Darwin.

CARTA DE RECOMENDAÇÃO

Em agosto de 1831, Darwin se deparou com uma carta de recomendação do professor Henslow, indicando-o para ser um tripulante adicional e pai-trocinado da segunda viagem do HMS Beagle. A segunda viagem não seria realizada pela embarcação, mas problemas com o navio designado e intercedência junto à cúpula da Marinha Britânica, garantiu que o Beagle, liderado pelo Capitão FitzRoy, retornasse à América.

Tendo havido um providencial convencimento de um reticente pai, uma conjuntura improvável mudaria os rumos da humanidade: uma embarcação que não navegaria, um jovem rico perdido, e um festival de indicações e recomendações, fazendo valer toda a sorte de privilégios.

ENTRUDO

Respire fundo, estimado leitor, bem-quista leitora, que a conversa agora é que fica boa.

O Carnaval do começo do século XIX era bastante diferente do de agora. Debata-se a origem – ou a conjunção de origens – em hora mais oportuna e atenhamo-nos ao fato: o Carnaval, festa pagã apropriada que antecede a Quaresma, era puro – tirem as crianças da sala – dedo no **ÁS DE LOSCOPITA** e gritaria.

(um beijo, Franciel)

Era uma bagunça tão magnânima que faria da pipoca de Bell Marques no Carnaval de Salvador um encontro de freiras beneditinas.

O povo saía na rua botando tudo de cabeça pra baixo, tocando o terror de geral.

Tá na Wikipedia – segure o ar:

“O **entrudo popular** era a brincadeira violenta e grosseira que ocorria nas ruas das cidades. Seus principais autores eram os escravos e a população das ruas, e sua principal característica era o lançamento mútuo de todo tipo de líquidos (até sêmen ou urina) ou quaisquer pós que estivessem disponíveis.”

Entenda, criatura, como os pontos de antanho se conectam no agora. O fato de homens vestidos de mulheres no Bloco Muquiranas no Carnaval de Salvador saírem por aí jogando água nos outros, embora desagradável e mal-educado, é tradição de séculos, trazida pelos portugueses no século XVI, que liberavam inclusive os escravos para subverter a ordem. E chuva de mijo nas arquibancadas da Velha Fonte? Preservação da história. Durma com essa.

Assim era, pois, o Carnaval que o menino do leite de pera, Carlinhos Darwin se arrumou de bater de frente.

Agora, me digam aí vocês, sabidos da zorra toda: o que acontece quando um bando de maluco atrapalhado das ideias encontra um gringo abestalhado pelo caminho?

Tomou.

O QUE DARWIN DISSE

Não sou Julio Verne mas dei a volta ao mundo no que pareceu 80 dias de prolegômenos para finalmente chegar a Darwininho se metendo a chicleteiro no Carnaval da Bahia. E não foi desavisado ele, não. Foi sabendo.





Na entrada de **4 de março de 1832**, Darwin, assim escreveu. Às aspas:

“Este é o primeiro dia do Carnaval, mas **Wickham, Sullivan** e eu, nada destemidos, estávamos determinados a enfrentar seus perigos. — Esses perigos consistem em ser impiedosamente atacado por bolas de cera cheias de água e molhado por grandes esguichos de lata.

TÍNHAMOS MUITA DIFICULDADE EM MANTER NOSSA DIGNIDADE CAMINHANDO PELAS RUAS.

Carlos V disse que ele era um homem corajoso que podia apagar uma vela com os dedos sem pestanejar; Eu digo que é ele quem pode andar em um ritmo constante, quando baldes de água de cada lado estão prontos para serem jogados sobre ele. Depois de algumas horas caminhando no desafio, finalmente alcançamos o interior e lá estávamos determinados a permanecer até o anoitecer. — Fizemos isso e tivemos alguma dificuldade em encontrar a estrada de volta novamente, pois tomamos o cuidado de costear ao longo do lado de fora da cidade. — Para completar nossas misérias ridículas, uma forte chuva nos molhou até a pele e, finalmente, alegremente chegamos ao Beagle. — Foi a primeira vez que Wickham esteve em terra, e ele jurou que se ele ficasse aqui seis meses, aquele seria o único.”

Peço licença a vossência que me lê e preste atenção no som que vem pelo ar, porque minha gargalhada vai sair daqui e chegar aí.

Veja o despautério.

Pessoa que sai pro Carnaval pra manter a dignidade, por premissa, está com o pensamento todo errado. E cúmulo da menino-amarelize, pra fugirem do pau que não aguentaram, se esconderam na CASA DA PORRA, sem um pio nem dois-pio, porque senão a choradeira ia ser ainda maior. É mole?

Isso me fez lembrar de dada entrevista de **Reginaldo Holyfield** a meu colega **João Gabriel Galdea**, que reclamando da violência do Carnaval de hoje em dia, soltou uma pérola, joia de valor inestimável. Chama as aspas aí de novo.

“NO CARNAVAL SEMPRE TEVE BRIGA, AQUELA COISA GOSTOSA DE SAIR NA MÃO UM COM O OUTRO.”

Mas Darwin que não era de guentá, não guentô, e voltou tarde da noite, no breu da cidade desconhecida, pra embarcação. Não era, afinal, assim tão evoluído.

Mais não disse sobre o Carnaval. Continuou viagem, virou sumidade, dominou o mundo com sua TIURIA.

Belchior, sábio, musicou o primeiro verso de como o povo do carnaval se desengraçou pro lado do gringo, mirando o branquela e, beijo no ombro, largou o doce:

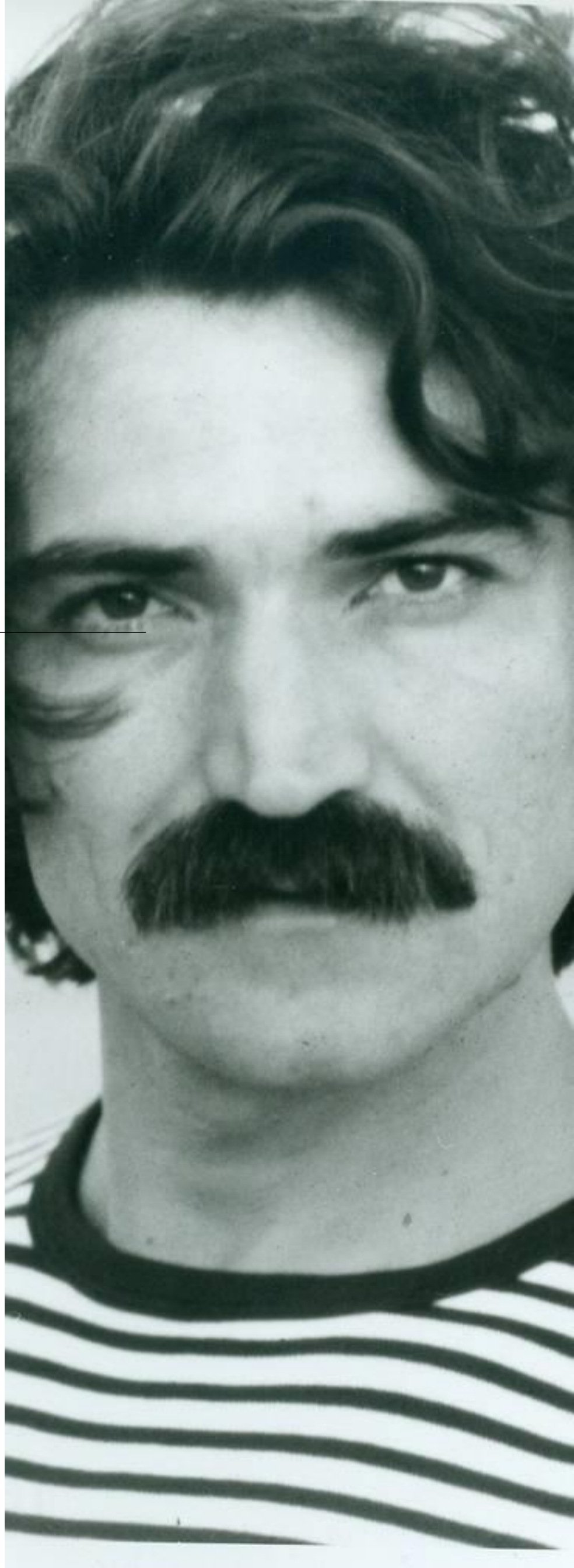
“EU NÃO ESTOU INTERESSADO EM NENHUMA TIURIA.”

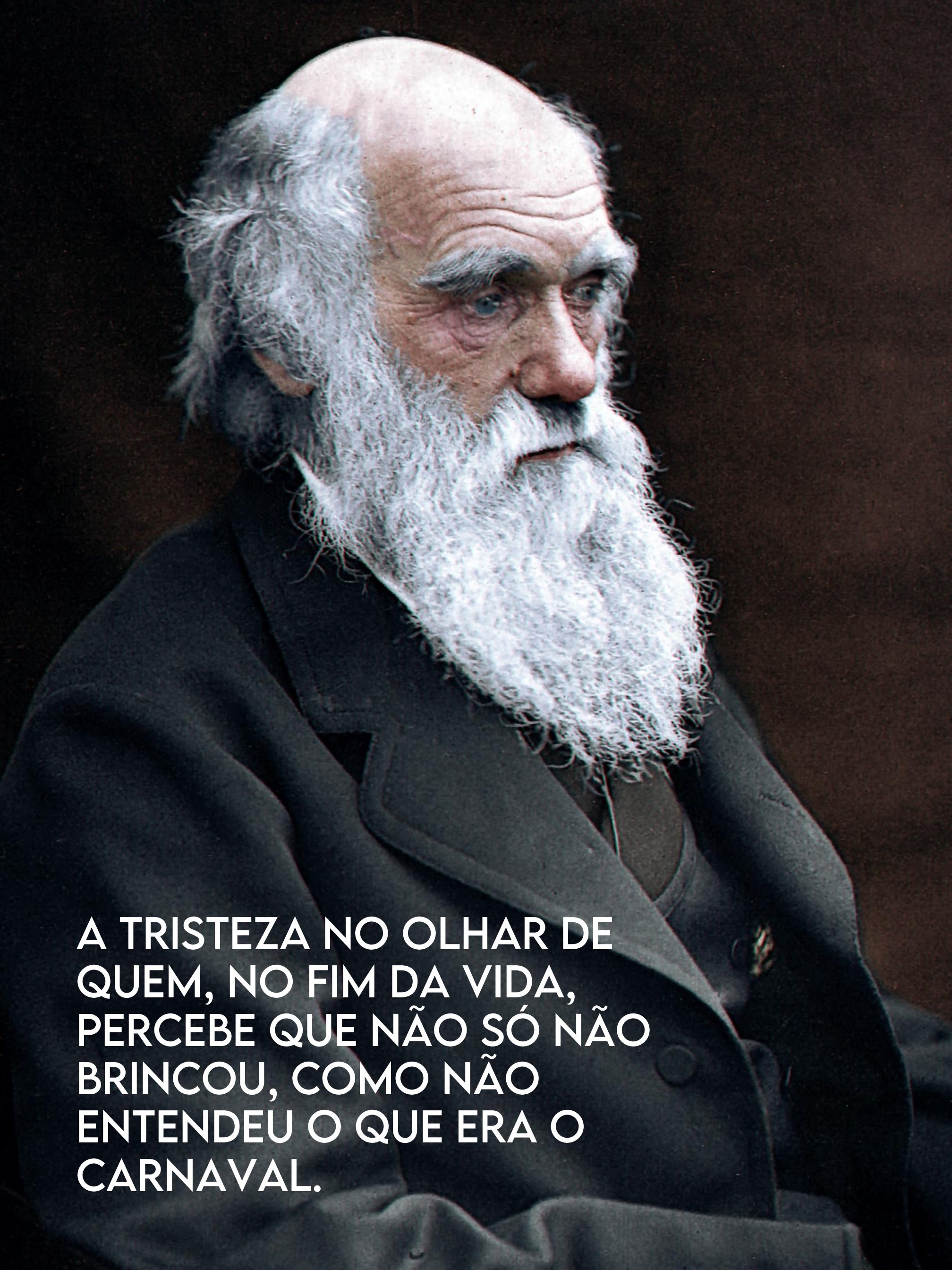
No caso, o povo só queria saber era de subverter os 2 versos seguintes do poeta: fantasia, algo mais, tinta pro rosto, oba-oba e melodia.

Aí, como sói num país fundado na desigualdade profunda e no achaque a expressões populares, quem era de Carnaval foi perseguido – assim como nas festas de largo como a Lavagem do Bomfim – numa tentativa de organizar os festejos e trazer “civilidade” (eufemismo de chatice babaco-moralista de elite cafona) com festejos nos clubes, com separação clara de corpos, conforme ditam os preceitos cristãos.

Nestes bailes, penso, Darwin entraria. Até se divertiria, dedinho pra cima e tudo. E ficaria impressionado com o interesse dos presentes nas suas TIURIAS.

Mas, né? Claro. Neste salão, não haveria coisa melhor a se fazer.





A TRISTEZA NO OLHAR DE
QUEM, NO FIM DA VIDA,
PERCEBE QUE NÃO SÓ NÃO
BRINCOU, COMO NÃO
ENTENDEU O QUE ERA O
CARNAVAL.

*Registro completo do diário de Charles Darwin
durante sua passagem por Salvador, de 28 de
fevereiro a 18 de março de 1832.*

28 de fevereiro

Por volta das 9 horas estávamos perto da costa do Brasil; vimos uma extensão considerável dela, toda a linha é bastante baixa e irregular, e da profusão de madeira e verdura de uma cor verde brilhante. — Por volta das 11 horas entramos na **Baía de Todos os Santos**, do lado norte da qual está situada a **Cidade da Bahia** ou **São Salvador**. Seria difícil [imaginar], antes de ver a vista, algo tão magnífico. — Requer, no entanto, a realidade da natureza para o fazer — se fielmente representado numa imagem, um sentimento de desconfiança seria suscitado na mente, como penso ser o caso em algumas dos desenhos de **Martens**. — A cidade é bastante envolvida em uma floresta luxuriante e situada em uma margem íngreme com vista para as águas calmas da grande Baía de Todos os Santos.

As casas são brancas e altas e as janelas são estreitas e compridas e têm uma aparência muito leve e elegante. Conventos, pórticos e edifícios públicos variam a uniformidade das casas: a baía está repleta de grandes navios; em suma, a vista é uma das melhores do Brasil. — Mas suas belezas não são nada comparadas à Vegetação; Acredito, pelo que vi, as gloriosas descrições de **Humboldt** são e serão para sempre incomparáveis: mas mesmo ele com seus céus azul-escuros e a rara união da poesia com a ciência que ele exhibe com tanta força ao escrever sobre paisagens tropicais, com tudo isso caindo longe aquém da verdade. O deleite que se experimenta nessas ocasiões confunde a mente — se o olho tenta seguir o voo de uma espalhafatosa mosca-da-manteiga, é detido por alguma árvore ou fruta estranha; se observar um inseto esquece-se dele na flor estranha sobre a qual se arrasta, — se voltando para admirar o esplendor da paisagem, o caráter individual do primeiro plano fixa a atenção. A mente é um caos de deleite, do qual surgirá um mundo de futuro e mais prazer silencioso. — No momento, cabe apenas ler **Humboldt**; ele, como outro Sol, ilumina tudo que vejo.



Conrad Martens
(London 1801-1878)

Pintor de paisagens inglês. O curioso é que Martens só se juntou ao HMS Beagle em 1883. Até então, o navio tinha um artista comissionado para retratar a viagem, Augustus Earle, que não é mencionado por Darwin neste trecho.



Alexander Von Humboldt
(Berlim, 1769-1859)

foi um naturalista alemão que teve grande influência em Darwin. Cerca de 40 anos do inglês, viajou pela América explorando e catalogando o que encontrava. É considerado por muitos como o “descobridor científico da América”.

29 de fevereiro

O dia passou com deleite: deleite é no entanto um termo fraco para tais transportes de prazer: Eu tenho vagado sozinho por uma floresta brasileira: entre a multidão é difícil dizer qual conjunto de objetos é mais impressionante; a exuberância geral da vegetação traz a vitória, a elegância das ervas, a novidade das plantas parasitas, a beleza das flores. — o verde brilhante da folhagem, todos tendem para esse fim. — Uma mistura mais paradoxal de som e silêncio permeia as partes sombreadas da madeira, — o barulho dos insetos é tão alto que à noite pode ser ouvido mesmo em um navio ancorado a várias centenas de metros da costa. — No entanto, dentro dos recessos da floresta, quando no meio dela uma quietude universal parece reinar. — Para uma pessoa que gosta de história natural, um dia como este traz consigo um prazer mais agudo do que ele jamais experimentará. — Depois de vagar por algumas horas, voltei ao local de pouso. — Antes de chegar fui ultrapassado por uma tempestade tropical. — Tentei encontrar abrigo debaixo de uma árvore tão densa que nunca teria sido penetrada pela comum chuva inglesa, mas aqui, em alguns minutos, uma pequena torrente desceu pelo tronco. É a essa violência que devemos atribuir o verdor no fundo da madeira, — se as chuvas fossem como as de um clima mais frio, a umidade seria absorvida ou evaporada antes de atingir o solo.

1 de março

Só posso adicionar arrebatamentos aos arrebatamentos anteriores. Eu andei com os dois *aspirantes* alguns quilômetros para o interior. O país é composto de pequenas colinas e cada novo vale é mais bonito que o anterior. — Colhi um grande número de flores de cores brilhantes, o suficiente para fazer uma florista enlouquecer. — O cenário brasileiro nada mais é do que uma vista das Mil e Uma Noites, com a vantagem da realidade. — O ar está delirantemente frio e macio; cheio de prazer, a pessoa deseja ardentemente viver aposentada neste mundo novo e mais grandioso.

2 e 3 de março

Estou muito envergonhado com o pouco que fiz durante estes dois dias; alguns insetos e plantas compõem a soma total. — Minha única desculpa são as torrentes de chuva, mas temo que a ociosidade seja o verdadeiro motivo. — Ontem o Capitão Paget jantou conosco e se divertiu muito detalhando alguns dos absurdos da etiqueta naval. — Hoje Rowlett e eu fomos para a cidade e ele interpretou o papel de Cicerone para mim. — na parte mais baixa perto do cais, as ruas são muito estreitas e as casas ainda mais altas do que na cidade velha de Edimburgo, o cheiro é muito forte e desagradável, o que não é de se admirar, visto que observo que têm a mesma necessidade de gritar “economize água” como em Auld Reekie.



As Mil e uma Noites é ié uma coleção de histórias e contos populares originárias do Médio Oriente e do sul da Ásia e compiladas em língua árabe a partir do século IX. As histórias que compõem o livro têm várias origens, incluindo o folclore indiano, persa e árabe.

Capitão Charles Henry Paget era o comandante do HMS Samarang, lotado na América do Sul, que cruzou caminhos com o HMS Beagle diversas vezes em sua segunda viagem. É filho homônimo de Charles Henry Paget, que foi vice-Almirante da Marinha Britânica e membro do Parlamento.

George Rowlett era o comissário do HMS Beagle responsável por administrar o dinheiro e os suprimentos da embarcação. Morreu em 27 de junho de 1834.

Auld Reekie é uma expressão em escocês que significa “Old Smoky”, ou velha enfumaçada. Edimburgo ganhou este apelido por conta da constante e espessa fumaça que saía dos cortiços da cidade.

Todo o trabalho é feito pelos homens negros, que são coletados em grande número nos armazéns dos mercadores. — As discussões que surgem sobre o valor do aluguel são muito animadas; os negros sempre usam muita gesticulação e clamor e quando cambaleando sob seus pesados fardos, batem o tempo e se alegram com uma canção rude. — Eu só vi um carrinho de rodas; mas os cavalos não são escassos; geralmente são pequenos e bem formados e são usados principalmente para os mercadores cavalgarem. — Fizemos uma visita a uma das igrejas principais, que encontramos aqui como guia, um garotinho irlandês de cerca de 13 anos. — Seu pai foi sepultado ali há dois meses, & era um dos infelizes que **Dom Pedro** atraiu para o país sob o pretexto de colonizá-los. — Este pequenino planeja sustentar sua mãe e irmã com os poucos Vinténs que no decorrer do dia ele ganha por mensagens. — O **Sr. Gond**, um dos principais mercadores do local, ofereceu-se para nos emprestar cavalos, se fôssemos caminhar até sua casa de campo. — Aceitamos sua oferta de bom grado e desfrutamos de um passeio delicioso; uma bela vista após a outra se abrindo sobre nós em uma sucessão infinita.

A de março

Este é o primeiro dia do Carnaval, mas **Wickham, Sullivan** e eu, nada destemidos, estávamos determinados a enfrentar seus perigos. — Esses perigos consistem em ser impiedosamente atacado por bolas de cera cheias de água e molhado por grandes esguichos de lata. — **Tínhamos muita dificuldade em manter nossa dignidade caminhando pelas ruas.** — **Carlos V** disse que ele era um homem corajoso que podia apagar uma vela com os dedos sem pestanejar; Eu digo que é ele quem pode andar em um ritmo constante, quando baldes de água de cada lado estão prontos para serem jogados sobre ele. Depois de algumas horas caminhando no desafio, finalmente alcançamos o *interior* e lá estávamos determinados a permanecer até o anoitecer. — Fizemos isso e tivemos alguma dificuldade em encontrar a estrada de volta novamente, pois tomamos o cuidado de costear ao longo do lado de fora da cidade. — Para completar nossas misérias ridículas, uma forte chuva nos molhou até a pele e, finalmente, alegremente chegamos ao Beagle. — Foi a primeira vez que Wickham esteve em terra, e ele jurou que se ele ficasse aqui seis meses, aquele seria o único.



Dom Pedro I
(1798-1834)

foi o primeiro Imperador do Brasil. Mas durante sua passagem pelo Brasil, o país passava pelo período regencial (1831 a 1840), uma vez que Dom Pedro tinha abdicado do trono e se aguardava a maioridade de Dom Pedro II.

Não foi possível encontrar referência a um **Sr. Gond**.



John Clements Wickham e Bartholomew James Sullivan eram Tenentes oficiais do HMS Beagle.



Carlos V
(1500-1558)

foi mandatário de um dos maiores impérios da história, o Sacro Império Romano-Germânico. Era o homem mais poderoso de seu tempo. Chega a parecer sarcástico da parte de Darwin reduzir esta relevância ao ato de apagar uma vela com a ponta dos dedos.

5 de março

King e eu começamos às 9 horas para uma longa caminhada naturalizante. - Alguns dos vales eram ainda mais bonitos do que qualquer outro que já vi. — Há uma exuberância selvagem nesses locais que é bastante encantador. — Uma das grandes superioridades que o cenário tropical tem sobre o europeu é a selvageria até mesmo dos solos cultivados. Cacau, banana, banana-da-terra, laranja, mamão se misturam como se pela natureza, e entre eles estão manchas de plantas herbáceas como milho indiano, inhame e cassada: e nesta classe de vistas, o conhecimento de que tudo conduz à subsistência da humanidade, acrescenta muito ao prazer de vê-los. Retornamos ao navio cerca de 30 minutos depois das 5 horas e durante essas oito horas mal descansamos uma. — O céu estava sem nuvens e o dia muito quente, mas não sofremos muito: parece-me que o calor apenas traz indolência, e se houver algum motivo suficiente para superar isso, é muito fácil passar por uma boa dose de fadiga. — Durante a caminhada, trabalhei principalmente na coleta de inúmeros pequenos besouros e na geologização. - King atirou em alguns pássaros bonitos e eu um lagarto grande e lindo. — É uma coisa nova e agradável para mim estar consciente de que naturalizar é cumprir meu dever e que, se eu negligenciasse esse dever, deveria ao mesmo tempo negligenciar o que por alguns anos me deu tanto prazer.

6 de março

Eu machuquei meu joelho alguns dias depois, e agora está tão inchado que não consigo andar. — A maior parte do dia foi passada deitados no convés. — Não me surpreende que as pessoas sejam tão indolentes em um país quente; nem a mente nem o corpo requerem qualquer exercício; observar o céu é ocupação suficiente para o primeiro e o segundo parece bem contente em ficar imóvel.

Philip Gidley King era o filho mais velho do Capitão **Philip Parker King**, Capitão e Comandante da 1ª viagem do HMS Beagle. Não chegou nem próximo de ter a notoriedade e relevância do pai.

Uma pretensa indolência é coitada duas vezes em dias consecutivos. Havia uma percepção dentre os europeus que o calor excessivo provocava 'preguiça'. Esta visão permanece ainda povoando a mente de muita gente.

Em 1998, a antropóloga Elisete Zanlorenzi escreveu tese sobre o mito da preguiça baiana que se tornou marco do entendimento dessa tal *indolência*. Diz ela que esse estereótipo nada tem de benigno, pois foi engendrado pela elite da Bahia com o objetivo de depreciar os negros.

Então, conforme escrevi em artigo na *Papo de Galo* revista #11 no artigo "Oprimido opressor", vê-se a opressão violenta para esconder um aspecto muito pessoal: o fato de que se entregaria à preguiça caso tivesse que realizar esforço físico debaixo de tanto calor.

Assim Darwin o fez. Com o joelho inchado, sua próxima entrada no diário é de seis dias mais tarde, e somente se sentiu em condições de sair do HMS Beagle no dia 14 de março.

Ainda em seu diário, renegou a indolência.



12 de março

Desde o dia 6 estou a maior parte do tempo na minha rede; meu joelho continuou a inchar e estava extremamente dolorido. — Hoje é o primeiro dia em que consigo ficar sentado por muitas horas. - Tem sido mortificante ver o céu azul claro acima da minha cabeça e não poder apreciá-lo. — Ouvi falar de fatos geológicos interessantes e não posso examiná-los; mas em vez de resmungar, devo me considerar sortudo por ter visto a **gloriosa Cidade da Bahia**. — Tivemos algumas festividades a bordo; Anteontem houve um grande jantar no convés central. — **Cap. Paget** tem nos feito inúmeras visitas e é sempre muito divertido: ele mencionou na presença daqueles que o fariam se pudessem tê-lo contradito, fatos sobre a escravidão tão revoltantes, que se eu os tivesse lido na **Inglaterra**, teria colocado-os ao zelo crédulo de pessoas bem-intencionadas: Até que ponto o comércio é realizado; a ferocidade com que é defendida; as pessoas respeitáveis (!) que se preocupam com isso estão longe de ser exageradas em casa. — Não tenho dúvidas de que o estado real de, de longe, a maior parte da população escrava é muito mais feliz do que se estaria inclinado a acreditar. Interesse e quaisquer bons sentimentos que o proprietário possa possuir tenderiam a isso. — Mas é totalmente falso (como **Cap. Paget** provou satisfatoriamente) que ninguém, mesmo os mais bem tratados, não desejam retornar aos seus países. — "Se eu pudesse ao menos ver meu pai e minhas duas irmãs mais uma vez, eu ficaria feliz. Nunca poderei esquecê-los." Essa foi a expressão de uma dessas pessoas, que são classificadas pelos selvagens polidos da Inglaterra como dificilmente seus irmãos, mesmo aos olhos de Deus. — Por exemplos que tenho visto de pessoas tão cega e obstinadamente preconceituosas, que em outros pontos eu creditaria, neste eu nunca mais escreverei novamente em descrer: No que diz respeito ao meu testemunho, todo indivíduo quem tem a glória de ter se empenhado no assunto da escravidão, pode confiar nela seus trabalhos são exercidos contra misérias talvez ainda maiores do que ele imagina.

13 de março

Ainda não foi possível deixar o navio.

14 de março

Aluguei um barco e subi algumas milhas no porto. — Encontrei algumas aparências geológicas interessantes e passei horas agradáveis vagando pela praia.

15 de março

O Beagle levantou âncora esta manhã e começou a sondar a margem, que se estende na ponta da baía. — Como a intenção era voltar, desembarquei em terra firme e fiquei muito feliz por ter mais uma oportunidade de admirar o lindo território ao redor da Bahia. Consegui um garoto irlandês como intérprete e comecei novamente a visitar o mesmo lugar, como fiz ontem. — Depois de caminharmos por algum tempo no calor do sol, entramos em uma venda e bebemos um excelente Sangaro. — Como geralmente é o caso, logo fomos cercados por homens, mulheres e crianças negros. Não sei se eles proporcionaram a mim mais diversão ou eu a eles; seu espanto foi grande com a *Fly net*, pequena pistola e bússola: enquanto uma coisa saía atrás da outra de meus bolsos mais espaçosos, eles gritavam "cheios, cheios de pecados". - Sem dúvida pensando que todos os meus instrumentos foram relacionados "*a Diabolo*". — Todo mundo fica encantado com os excelentes modos dos negros. — Dei um pouco de vinho aos meus amigos da venda e, quando me separei deles, tenho a firme convicção de que nenhuma holandesa com três caudas poderia ter feito reverências tão dignas e cortesãs como as negras me saudaram. — À noite fui ao Hotel d'Universe, onde com a ajuda das três palavras "comer", "cama" e "pagar", meu anfitrião e eu conseguimos concordar muito bem.

Gravura do artista inglês Henry Melville (1799-1873) com base em desenho do engenheiro britânico Samuel Charles Brees (1810-1865). O Hotel d'Univers está à esquerda.

LADEIRA DE SÃO BENTO, CIRCA 1850.



Na versão do Diário de Darwin, publicado pela Cambridge University Press (1988), registra-se "Hotel d'Universe", sendo francês, o correto seria d'Univers (sem "e" no final). Por volta de 1850, um hotel com esse nome (Hotel d'Univers) encontrava-se na Ladeira de São Bento. (ver ilustração)

Entretanto, existiu o Hotel do Universo, com endereço dado no Largo do Theatro (atual Praça Castro Alves). O Almanach para o Anno de 1845 - Bahia (Typ. de M.A. da S. Serva), indica "Hotel do Universo de João Baptista de Figueiredo, ao largo do Theatro: n'essa casa se hospedão as principaes pessoas, que aportão á esta Cidade".

Uma nota da professora Moema P. Augel em uma publicação dos esboços de viagem de Maximiliano de Habsburgo, que esteve na Bahia, em 1860, indicou que o Arquiduque hospedou-se no Hotel Universo. O Arquiduque citou, em seus esboços de viagem, que se hospedou no Hôtel Février. Augel esclarece que seria o Hotel Universo, de propriedade do francês Pierre Février, registrado nos almanaques administrativos, desde 1858. Mas, este, não seria o mesmo hotel registrado na ilustração de Brees, como Hotel d'Univers, pois o Arquiduque citou que o Hôtel Février possuía "apenas uma fachada bastante insignificante, dando para a Praça do Theatro, e um letreiro que chama muito pouco a atenção". Decididamente, essa não é a descrição do Hotel d'Univers registrado por Brees.

Para confundir ainda mais, o Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Bahia para o Anno de 1860, registra, entre os hotéis: Pedro Fevrier, (hotel l'Univers) largo do Theatro 3. Num anúncio de 1855, aparece coo Hotel do Universo.

Cabe especular se a ilustração de Brees seria, na verdade, anterior a 1845 e que o hotel teria mudado de endereço.

16 de março

Na manhã seguinte, dei uma longa caminhada e colhi um grande número de plantas e insetos; foi um belo e brilhante dia; mas é muito agradável descobrir, tão ao contrário do que eu esperava, que o calor de forma alguma incapacita alguém para o exercício. — No meio do dia subi a bordo do **Samarang** e jantei lá. A diferença entre um navio de levantamento e um em ordem de combate real é muito impressionante. No Samarang, a qualquer momento em menos de cinco minutos, eles poderiam disparar uma lateral eficaz. Passei a maior parte da noite com os aspirantes; e tal conjunto de jovens malandros inalterados que os jovens cavalheiros são é suficiente para surpreender um camarada que está em terra firme.. — Por volta das 9 horas, o Beagle chegou e ancorou e, em vez de dormir a bordo do Samarang, fui para minha própria rede. — Foi um excelente sorte de ter permanecido em terra durante os dois dias: o navio balançou e balançou tanto, que a maior parte dos oficiais subalternos adoeceu. — As pessoas em geral não estão cientes do que é um enjojo duradouro do mar. encontra homens que passaram a vida inteira no mar, mas se sentem desconfortáveis com cada brisa.

HMS Saramang
era a embarcação do Cap.
Paget.

17 de março

Deu um passeio de despedida com King: a noite estava brilhante e extremamente clara; nem um sopro de ar moveu as folhas; tudo estava quieto; nada poderia ser mais bem adaptado para fixar na mente as últimas e gloriosas lembranças da Bahia. — Se ao que a Natureza concedeu aos Brasis o homem somou seus esforços justos e adequados, de que país se gabarão os habitantes. Mas onde a maior parte está em estado de escravidão, & onde este sistema é mantido por uma parada completa na educação, a mola mestra das ações humanas, o que pode ser esperado; mas que o todo seria poluído por sua parte.

18 de março

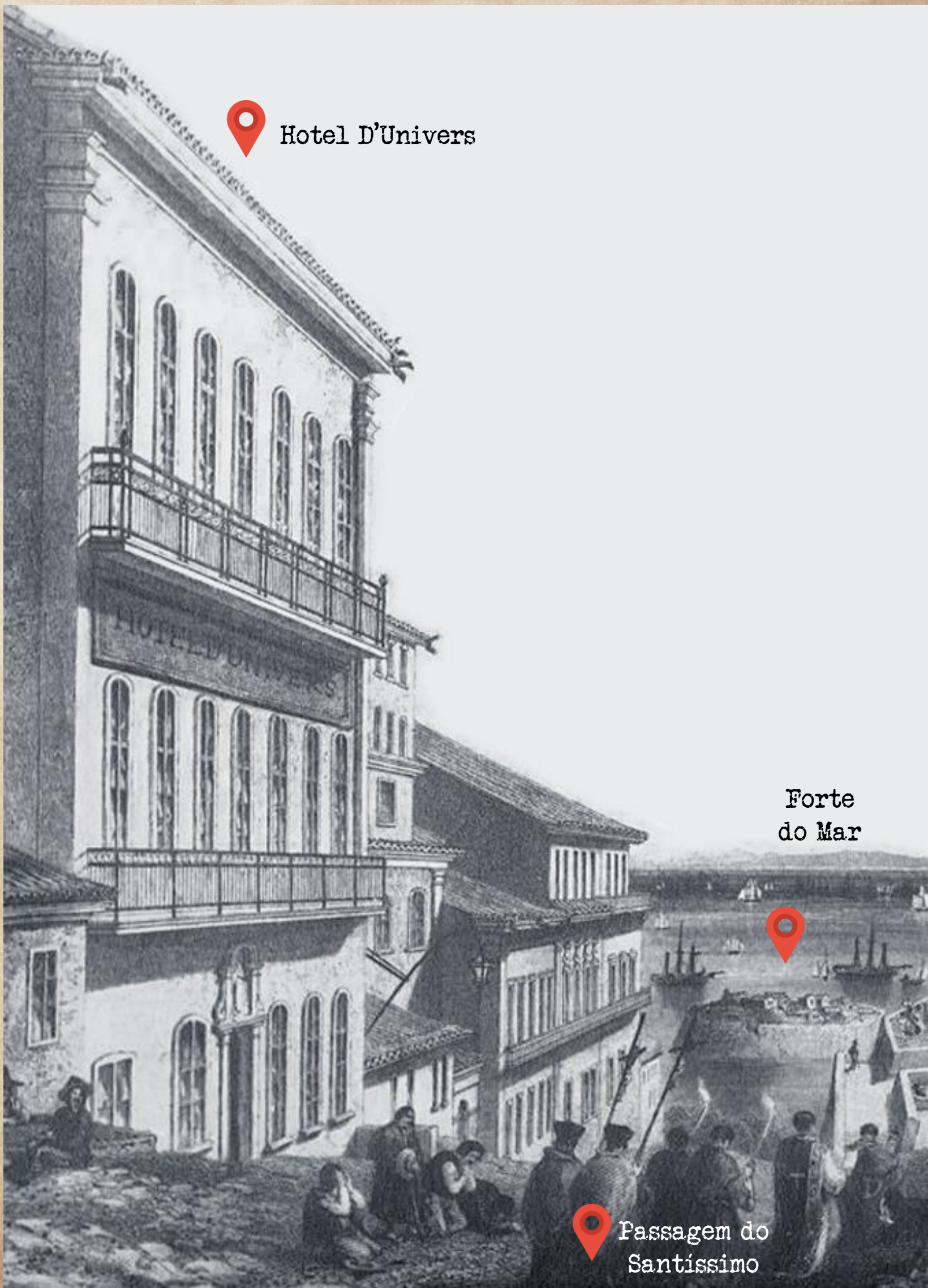
Baixamos âncora no início da manhã e andamos pelo porto até que as cartas de navegação e os mapas cartográficos da região estivessem prontos. — Contra a maré forte nos afastamos lentamente da Baía de Todos os Santos e nos despedimos duramente da Bahia: se já vi o suficiente dos Trópicos para poder julgar, meu relatório seria muito favorável; nada pode ser mais agradável do que o clima, e em beleza o céu e a paisagem são incomparáveis em uma zona mais fria.

LADEIRA DE SÃO BENTO

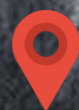
Gravura do artista inglês **Henry Melville** (1799-1873) com base em desenho do engenheiro britânico **Samuel Charles Brees** (1810-1865).



Hotel D'Univers



Forte do Mar



Passagem do Santíssimo

SALVADOR, CIRCA 1850



Fonte onde depois
seria construído o
Chafariz de Colombo
em 1855, e depois o
Monumento a Castro
Alves, 1923.



Largo do
Theatro

24

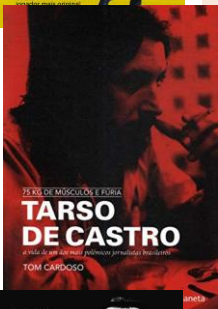
PERFIL POR GABRIEL GALO

TOM CARDOSO E OS CARNAVAIS DO FIM DOS ANOS 1970

Minha memória quase me prega uma peça. Pesquisando histórias para este suplemento, lembrei de uma em que alguém contava a fantástica fábula em que seus pais, foliões irremediáveis, alheios a questões menores como responsabilidade e bom senso, deixavam o pequeno dormindo na parte de trás da Variant, que estacionavam cedo perto da Praça Castro Alves, em Salvador, e seguiam para brincar o Carnaval.

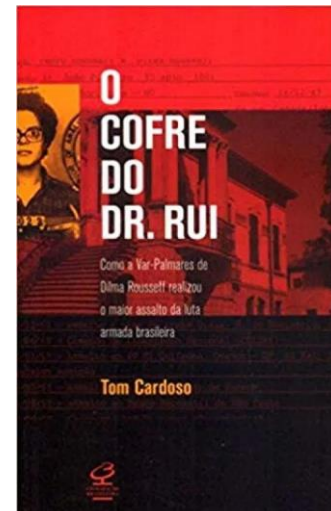
Confiante das minhas habilidades de pesquisa, achei que tinha sonhado depois de insistir e ver o retorno ser nenhum. Até que um amigo (um xêro, Jamir!) me provou que de pesquisa eu não entendo é nada. Apareceu no meu Whatsapp metendo o link para a pequena crônica que escreveu **Tom Cardoso** no Facebook quando da morte de **Moraes Moreira**. Não poderia ter ficado mais feliz.

Primeiro por acompanhar o trabalho de Tom. Jornalista, cronista de mão cheia, é escritor e um dos biógrafos mais respeitados do Brasil, com publicações seminais de nomes como **Tarso de Castro** (2005), [Paulo Machado de Carvalho](#) (2005), **Sócrates** (2014), **Sérgio Cabral** (2018) e há pouco neste 2021 lançou “**Ninguém pode com Nara Leão: uma biografia**” (Planeta).



Tom foi vencedor do Prêmio Jabuti de 2012 na categoria Reportagem com o livro “**O cofre do Dr. Rui: como a Var-Palmares de Dilma Rousseff realizou o maior assalto da luta armada brasileira**” e publicou em 2017 o terceiro volume de seu livro de crônicas “**Fora do Tom: crônicas de um jornalista de cueca**”.

Filho de Jary Cardoso, que nos anos 70 era jornalista de cultura e Ana Lúcia, que apesar de jornalista, não seguiu a profissão, Tom sempre se viu no meio artístico.



De pequeno, puxado pelos pais, conviveu nas casas de músicos como Jorge Mautner e Paulinho Boca de Cantor, além de lembrar de entrevistas na Ilha de Itaparica ao lado João Ubaldo Ribeiro.

“Como escritor, eu invento muita coisa. Mas essa é das histórias que posso dizer que são quase inteiramente verdade”, ele me conta, adicionando “minha mãe jura que deixar eu e meu irmão no carro com a janela aberta pra gente dormir durante o Carnaval no fim dos anos 70 era seguro. Mas a gente tinha só 4, 5, 6 anos de idade! Eu não faria isso nem naquela época.”

O barulho e o movimento, claro, acordava os irmãos a noite toda.

“A gente acordava, espiava do lado de fora, via se tinha alguém. De vez em quando a gente pulava pro banco da frente. Mas nunca saíamos do carro. E quando o sono batia, voltava pra ‘cama’ e dormia de novo. E na hora de ir embora era comum que a gente encontrasse os artistas, afinal, estavam pulando Carnaval junto com meus pais, como Moraes Moreira, Caetano Veloso, Vovô do Ilê. Talvez não estivessem no carro antes de meus pais, mas na despedida calhava de haver sempre alguém com a gente.”

Ah, os anos 1970...

Outra época, claro.

Tempos de um jornalismo que aproximava mais artistas e imprensa.

“A relação hoje com os artistas é muito diferente, muito distante. Pra conseguir uma entrevista tem que passar pelo crivo da gravadora, da assessoria, com cronômetro e em ambiente controlado. Antes, não. Meus pais eram amigos dos artistas. Tem uma foto de meus pais durante uma entrevista em que eles estão de cueca e calcinha, o entrevistado também. Noutra entrevista com Elis Regina, no Rio de Janeiro, a conversa avançou a noite e ela ofereceu a cama dela para que eles dormissem por lá. Quando contei esse caso para a Maria Rita, ela falou “minha mãe era muito louca. Imagina que eu ia deixar jornalista dormir na minha cama?”

Eu sei que não, Maria Rita. Não porque nem Elis era louca, nem você deixaria.

Nascido no Rio de Janeiro, Tom chegou a São

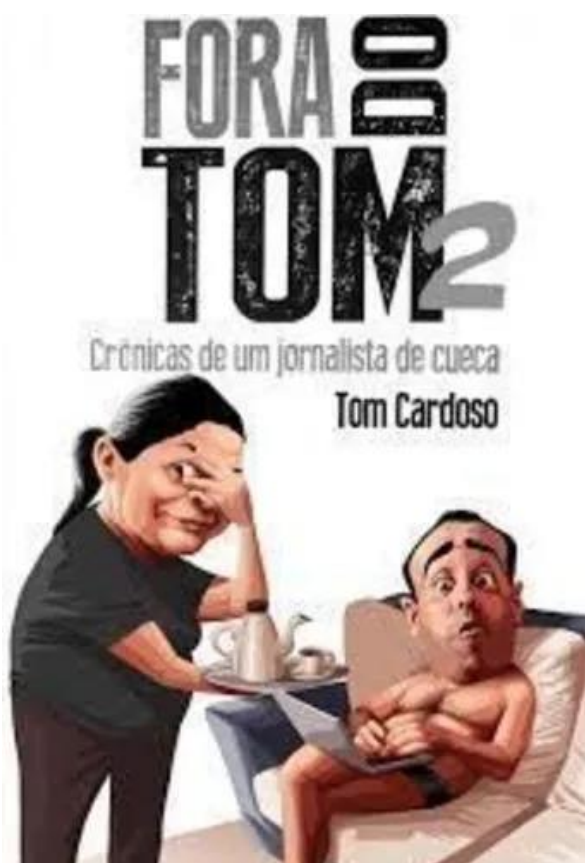
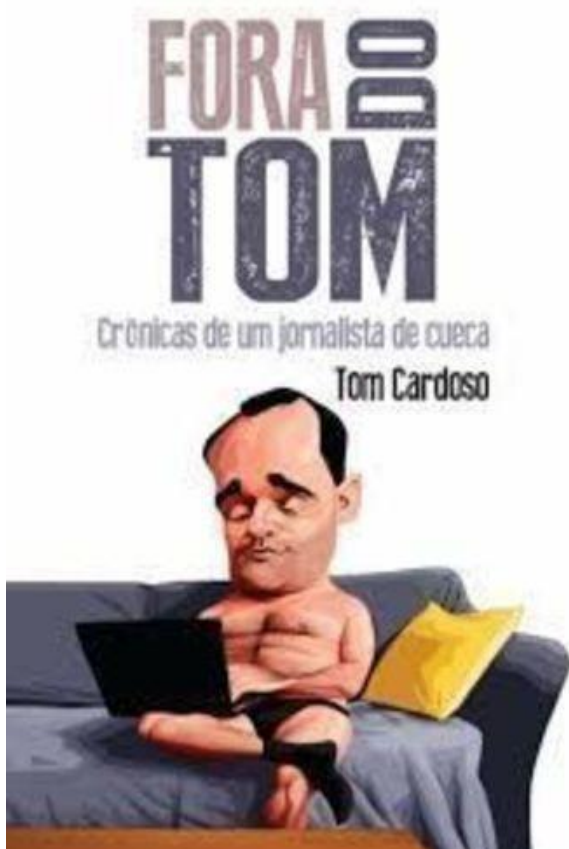
Paulo com 1 ano de idade. É morador do Jardim Bonfiglioli, bairro que fica atrás da USP e é cenário constante de suas crônicas. Dali viu o Carnaval de São Paulo renascer.

“Eu detestava o Carnaval de clubes, cresci nos bailes com meus pais. Não via graça em ver Escola de Samba na televisão. Mas São Paulo há alguns vem retomando o espírito do Carnaval de rua, mais livre e libertário. E como eu moro num bairro universitário, este espírito está aqui também. Todo ano sai o ‘Te pego no cantinho’, bloquinho aqui do bairro. É uma farra danada. Alceu também sempre me convida para subir no trio com ele no Ibirapuera – e eu, claro, vou. Quem não gosta de Alceu?”

Alceu é a verdadeira unanimidade brasileira.

No que entra Geni, a diarista que não faz café pra qualquer um, pedindo licença e falando para eu ouvir, quase em desespero, “ele tá aqui, sabe como? De cueca.”

Penso que errado estava eu, vestido demais.





POR TOM CARDOSO

JORNALISTA E ESCRITOR

MORAES E A VARIANT

Tenho problema de surdez desde a infância, muito provavelmente por ter sido exposto, ainda criança, a ambientes de muito barulho. Eu tinha seis meses, na barriga de minha mãe, quando ela e meu pai foram a Woodstock. Imagino que a guitarra de Jimi Hendrix e o gogó de Joe Cocker foram mais nocivos para mim e para o meu irmão gêmeo do que as pílulas de LSD ingeridas por minha mamãe natureza.

Os meus tímpanos foram novamente bombardeados quando os meus pais aderiam à cultura baiana, em meados dos anos 70. Carlinhos Brown ainda era um incipiente tocador de chocalho e eles já vararam madrugadas pulando carnaval no centro de Salvador.

Sem nenhum parente na Bahia, os meus pais não tinham com quem deixar eu e meu irmão. O que eles faziam? Estacionavam a Variant numa das ladeiras próximas à Praça Castro Alves, estendiam dois lençóis no porta-malas, cantavam um trecho de "Peguei um Ita no Norte" (nossa canção de ninar favorita) e iam para farra.

Numa madrugada, eu acordei. Cutuquei meu irmão e pulamos para o banco da frente. A janela ficava aberta. Estranhamos a ausência de nossos pais, demos alguns berros, e voltamos para nosso cafofo-móvel, resignados.

O grande susto eu tomei de manhã, ao abrir os olhos e me deparar com o Vovô do Ilê, Paulinho Boca de Cantor (uma espécie de Fofão do Agreste) e Moraes Moreira, olhando pra gente, maravilhados com a solução inventiva de meus pais.

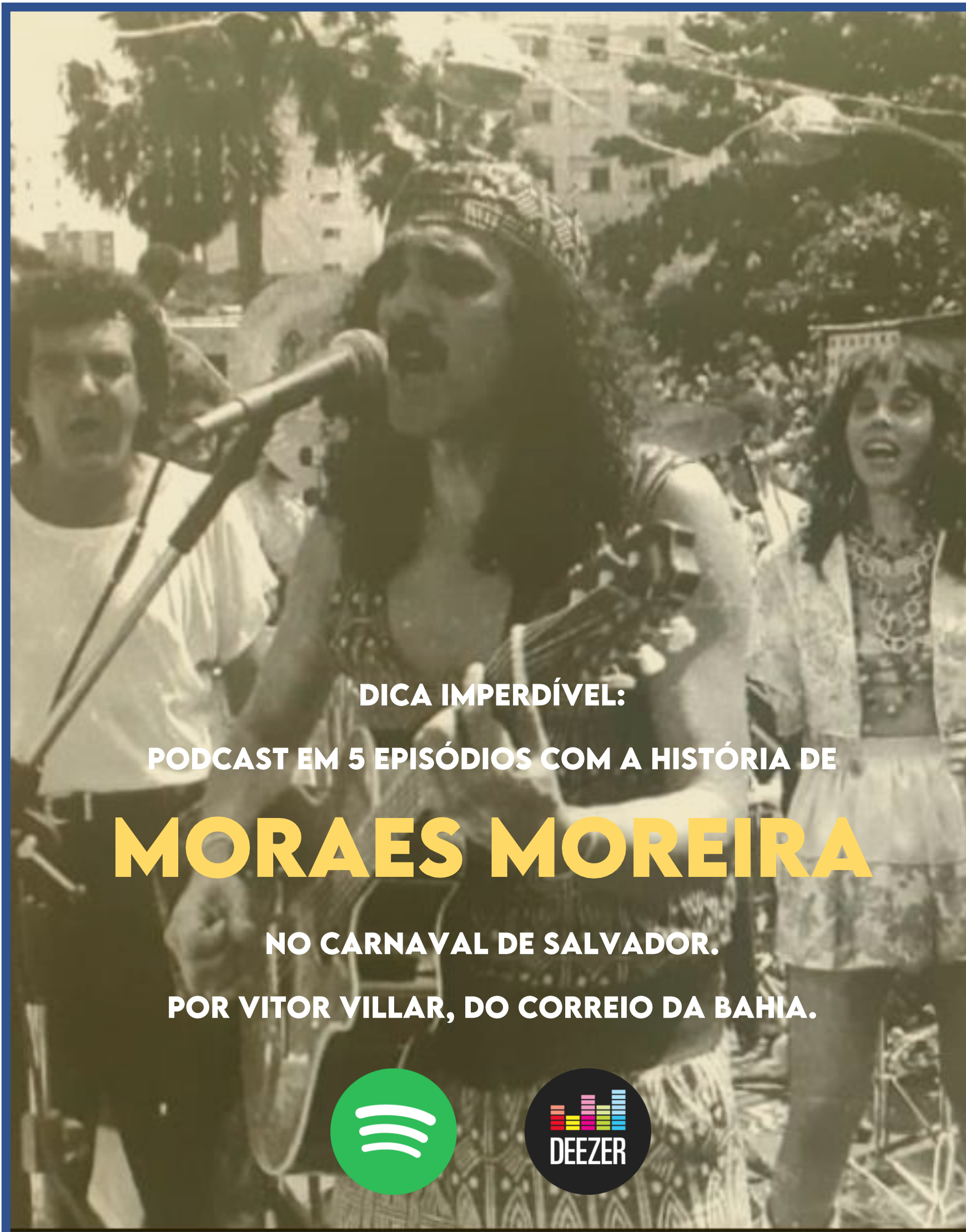
Foi Moraes quem comentou, apontando pra mim:

— A barriga daquele ali tá buchada de tanto verme...

Nada mais normal no fim dos anos 70.

Hoje temos um verme na presidência. Isso sim é estranhíssimo.

Tá perdendo nada, Moraes. Vai tinindo e trincando se juntar a Gonzagão, João do Vale e Jackson do Pandeiro.



DICA IMPERDÍVEL:

PODCAST EM 5 EPISÓDIOS COM A HISTÓRIA DE

MORAES MOREIRA

NO CARNAVAL DE SALVADOR.

POR VITOR VILLAR, DO CORREIO DA BAHIA.



29

CRÔNICA POR **GABRIEL GALO**

NEYMAR É DO DIBRE, MAS NÃO É DO ZIGNAU

Chore, amigo, se estribuche, amiga. Unamo-nos todos no pranto. Nas regulamentares 12 horas de relógio da quarta-feira de cinzas, o Carnaval se encerrou. Pôsse um 'já basta' crívelico a esta que é a maior festa do povo. Podemos, enfim, olhar para trás e ir catando os cacós do pudor, da linha, da dignidade e do juízo perdidos. Aceitemos o bordão que nem salva, nem liberta, mas melhora a ressaca moral com sorriso de canto de boca: se eu não lembro, eu não fiz.

Que a folia momesca é o auge da máxima do dedo no cy e gritaria, todos sabem. Só que os problemas que ele gera vêm de antes. Começa lá quando tudo é pré-Carnaval e expectativa. Estou falando do zignau.

Zignau. Termo absolutamente baiano, que significa o perdido, o descubra, o MIM ACHER. E que é elevado à infinitésima potência durante o período da fantasia e do dedinho pra cima.

Não se faça de desentendido. Você conhece, você já tentou, você já fez. É quando o casal se aparta a poucos dias da folia se valendo das mais esfarrapadas desculpas, dos querequexés mais enfeitados que mortalha dos Filhos de Gandhy no Brasil da Nova Era.

Assim, certos de que enganam, mas ninguém comendo reggae de seu ninguém, cada um segue pro seu canto para mergulhar de cabeça da piscina da esbórnia e fritar a pele no óleo do desbaratino, torcendo pra não se cruzarem pelaí. Um acordo tácito, em que ambas as partes saem ganhando – se não fizer direito, ganha também um chifre ou uma DST.

CELEBRE-SE!

Só que o mundo das celebridades, minha gente, é pequeno e cabe, no máximo, num camarote no Barra/Ondina ou na Sapucaí, em dias separados, porque quando tá todo mundo num, tem ninguém no outro.

O camarote é a casa do BBB das celebridades. Se distribuíssem edredom, rapaz, aí é que o couro ia comer em 759 idiomas.

Lá dentro é um festival de cumprimentos contidos e pequenas demonstrações etílicas de “já fui ali.” Aquele rebu gostoso em que comedimento e paumolecência não são bem-vindos, como toda boa farra que se preze exige.

Portanto, Noronhe-se, Sapucaí-se, CAMAROTE-SE!



Manto do Filhos de Gandhy em 2019. Até o afoxe mais maravilhoso do planeta pode errar feio.

NEYMAR, CADÊ O ZIGNAU?

É nesta onda que quebra no mundo pequeno do camarote que Neymar, Anitta e Bruna Marquezine protagonizaram uma quizumba dos seiscentos, que não quer dizer nada e nem muda a vida de ninguém além da notoriedade do óbvio: Neymar entende de dibre, mas não entende do zignau.

Reza a lenda que o menino Ney largou as muletas – milagre! – e se engraçou pros lados da trilíngue Anira, que, dizem, se rendeu aos encantos do craque. Tudo na frente de Bruna, que chorava num canto, descoisada. Registro devidamente captado nas ondas da internet pelo Instragram, esta rede onde o dito é pelo não dito, onde uma imagem vale mais do que mil palavras, onde o glamour toma champagne em garrafa que pisca.

Aí, a baianidade aflora, e eu pergunto: COÉ, MENINO NEY? Que juvenil é esse, pae? Porque, olhe, pra pegar uma não precisa desfazer da outra não, vu? Cadê o zignau, criatura?

De um lado, sem culpa nem desculpa, Anitta fez a egípcia, mandou um “te conheço?” pra Bruna, “não lhe devo nada”, incorporou a Valesca, largou um beijo no ombro e seguiu de bloco em bloco, brincando de Netinho no Carnaval de antanho, “foi sem querer que eu beijei a sua boca.”

Já o Neymar, o menino-amarelo que não manja dos paranauê do zignau, tascou de dizer que não era bem assim, que lé, que cré e ninguém botando fé. Indagado pelo roxo da boca, que curiosamente combinava com o roxo do batom de Anitta, raciocinou-se entre o frio congelante do verão carioca e a gangrena labial. Vendo-se sem saída, apelou para sua assinatura. Como se sofresse uma falta ali, rolou no gramado do camarote urrando de dor, sendo carregado pelos seguranças para longe. Em breve, sai um texto publicitário explicando.

E Bruna? Bem, Bruna curtiu a fota, descurtiu a fota, deixou de seguir a diva pop brasileira e, no fim, cancelou sua conta do Instagram de uma vez. Talvez, imbuída do espírito da reparação vingativa, tenha até mandado um “oi, sumido” praquele ex de algum tempo... Porque Bruna é gente como a gente.

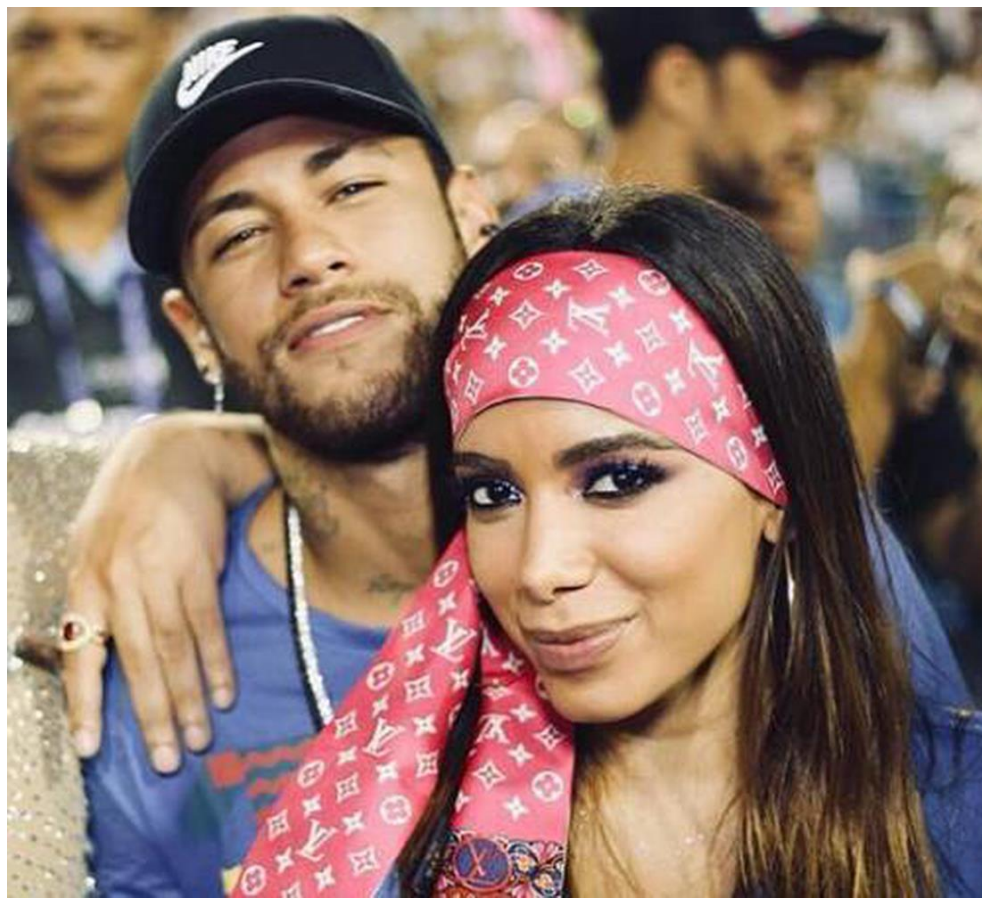
GENTE COMO A GENTE?

Quer dizer, gente como a gente, mais ou menos.

Porque a gente como a gente não anda em camarote. A gente como a gente se espreme é na pipoca, tomando safanão das *otoridade*. A gente como a gente sai nos blocos pra tomar cerveja quente e se entrega à balbúrdia sem se preocupar com flashes de curiosos interessados no dinheiro fácil. A gente como a gente tem anonimato pra geral, embora nunca pros vizinhos.

Mas, principalmente, a gente como a gente é mestre na arte do zignau. Dá rasteira em cobra e nó em pingo d’água. E vai dizer que não? Me erre!

Segura a Bahia, meu povo, que o ano parece que finalmente começou. Ou não, porque se depender do meu estado físico, é só pra de hoje a oito. E olhe lá, não aperte minha mente, senão eu meto atestado.



Na Sapucaí,



tudo é permitido.

33

CRÓNICA POR **GABRIEL GALO**

A photograph of a desert landscape. In the foreground, there is a sand dune with a distinct ripple pattern. A single palm tree stands on the right side of the dune. The background shows more rolling sand dunes under a clear blue sky.

ALAOR

Alguns não curtem porque não são muito chegados a aglomeração. Aquele roçar todo de gente estranha pode ser bastante desagradável. Tem o cheiro, tem o suor, tem a virilha atenta que procura a retaguarda desavisada.

Outros não pulam porque a música não agrada. Axé? Abominável! Frevo? Credo. Sambas enredos? Que chatice!

Tem aqueles que evitam pela necessidade da tranquilidade. Umas bem-vindas férias de 5 dias, quando é possível se isolar do mundo. São Paulo, por exemplo, fica até agradável – ó, heresia! – durante o período.

Há os impertinentes que enxergam que esta festa é de adolescentes, que vão para encher a cara, e bêbado já é troço difícil de aturar, imagine bêbado jovem.

Quase no mesmo time estão os que já não têm mais pique. A idade, o peso e a barriga chegam para todo mundo. O conforto do sofá parece impossível ser deixado de lado.

Fosse eu enumerar o tanto de motivo que existe para que o Carnaval provoque pane na cabeça, ficaria aqui dias e dias, e, convenhamos, não tem prosa que se sustente tanto tempo falando de reclamação.

Permitam-me falar de apenas mais um caso.

O caso do Alaor.

Alaor nasceu em novembro. É filho do carnaval, portanto. Cresceu com a história dos pais que se conheceram num baile no interior, se apaixonaram, casaram, e estão até hoje andando de mãos dadas e trocando bicotinhas.

Só que tudo nessa vida tem limite.

Desde que consegue se lembrar, o carnaval é insuportável para ele. É ele aparecer, e povo

cantando em marchinha e apontando para ele:

– A lá Alaor, ô ô ô!

E quando se apresenta, então?

– Esse aqui é o meu amigo, o Alaor.

– Alaor? A lá Alaor, ô ô ô!

Todas as vezes.

TODAS.

AS.

VEZES.

Criou uma aversão à folia que lhe faz mal. Está em tratamento há anos, e embora já chegando nos 40, ainda não consegue se ver livre do trauma. Trocou de psicanalista mais vezes do que foi capaz de contar. Certa feita, gastou 45 minutos e uns caraminguás assistindo ao seu não-mais-futuro-analista rir-se de se dobrar depois de ele contar seus porquês.

É perseguição.

Vai num restaurante do lado de sua casa.

– Além do cardápio, temos um menu especial de carnaval.

Diz o garçom, entregando o pequeno pedaço de papel ao cliente, que logo abaixo lê:

“Lula à la Alaor: R\$ 54,90”

Sem nem querer saber do que se trata, grita:

– A PA PUTA QUE O PARIU!

Seu vizinho, piadista, o reconhece:

– Que foi, Alaor? Tá com calor?

Todos no restaurante riem.

Ele odeia o carnaval.

carnaval

s.f. Período normalmente de 3 dias que, anterior à quarta-feira de cinzas, se destina a festejos, a bailes, a desfiles; as festas que acontecem nesses (...)

Figurado. Comemoração coletiva em razão de alguma situação especial ou extraordinária: foi um carnaval quando ela passou no vestibular.

DICIONÁRIO MODERNO, EDIÇÃO DE CARNAVAL



A língua não é um elemento estático. Vive em mudança contínua, metamorfoseando-se em novos vernáculos, em ressignificados, na união de ditos de cá e de lá que, uma vez juntos, constroem a comunicação 2.0.

O Carnaval, *por supuesto*, não ficaria de fora dessa evolução imparável da linguagem.

ESFOLIANTE

Diz-se daquela pessoa que já foi boa nisso, já sacolejou demais, mas hoje prefere ficar comendo pizza em casa assistindo aos desfiles de escola de samba até cair no sono.

Também se aplica àquela pessoa que desistiu do Carnaval por não conseguir se livrar do glitter no rosto, vivendo num estado constante de esfoliação.

CONCENTRAÇÃO

Área dos desfiles que tende a não mais existir por causa das novas gerações (Y, Z, millenials), que querem muito fazendo pouco, e também por causa das redes sociais. Tende a perder cada vez mais espaço para a...

DISPERSÃO

Área que os politicamente corretos querem começar a chamar de Déficit de Atenção, mais bonito e tecnicamente aceitável.

ABADÁ

Vestimenta topzera utilizada para identificar e diferenciar a paulistada de todo o resto do mundo no Carnaval de Salvador.

CARLINHOS BROWN

Responsável por fazer adaptar a famosa frase de Paulo Francis sobre o Cinema Novo brasileiro para sua realidade músico-moderna: “A música é uma merda, mas o compositor é genial”.

TECNICAMENTE PERFEITO

Diz-se daquele desfile sonolento pra cacete e nada empolgante de uma escola de samba renomada.

BONECO DE OLINDA

Coisas estranhas com as caras todas iguais, mas daí mudam a roupa, a cor do cabelo, e a gente finge que é a réplica perfeita, porque, afinal, tudo é festa, samba, frevo, axé e maracatu. O Galvão Bueno do ano passado pode ser o Coringa deste ano.

SÃO PAULO

O túmulo do Carnaval.

FREVO

Dança típica feita para destruir os seus joelhos se você ao menos pensar que pode fazer igual.

CAMAROTE DA SAPUCAÍ

Extensão do Projac, aonde desconhecidos vão atrás de seus 5 minutos de fama, e, quem sabe, descolar aquele “flagrante” de paparazzi na praia marcado para o dia seguinte às 09:18h na Barra da Tijuca.

ENREDO

Leilão carnavalesco, onde, como qualquer outro leilão, quem paga mais, leva. Não há restrições.

TRIO ELÉTRICO

Para uns, fase, neutro e terra; para outros, vidro, retrovisor e trava; para a maioria, portal sonoro para a catarse.

AXÉ

Qualquer ritmo (ou nome) que consiga lotar um bloco e vender os uniformes de paulista.

MESTRE-SALA

Nome que se dá ao sambista que dança igual ao Sérgio Mallandro.

(Disclaimer para militantes: adoro o Carnaval, acho Carlinhos Brown um músico valiosíssimo, São Paulo recupera o seu Carnaval – mesmo que desfalque o Carnaval alheio para isso... – etc e tal e cousa e lousa. Descansa, criatura, que já não basta ter Carnaval, ter que aguentar lumenice não tá na minha ordem do dia.)



38

CONTO POR GABRIEL GALO

A woman with dark hair is meditating in a lotus position outdoors. She is wearing a light-colored, long-sleeved top with a lace-up detail at the chest. Her eyes are closed, and her hands are resting on her knees in a mudra. The background is a lush, green, out-of-focus forest. The overall mood is peaceful and serene.

RETIRO DE CARNAVAL

Carlos estava ansioso por causa da oportunidade que tinha pintado para ele. Sua namorada, Juliana, atenciosa e pensando no seu bem, comprou para eles um pacote para um retiro de Carnaval no interior de Minas Gerais. Lugar afastado, no meio das montanhas, com muito verde, natureza, temperaturas amenas e muita luz.

Ele tinha começado nesse mundo por ela, já experiente no tema.

— Você vai adorar, amor. Olha aqui, ó — e entrega o panfleto com as atividades do centro — vai ter cardápio 100% vegano, várias horas de meditação, yoga na montanha, momentos de silêncio, atividades de contemplação, você mesmo arruma seu quarto, limpa e lava seus pratos, cuida da cozinha e dos banheiros...

— Que lindo!

Ele não estava lá muito empolgado, mas seu ânimo foi melhorando com a excitação de sua parceira, que distribuía amor pelo seu companheirismo. Compartilhavam também a boa nova com quem lhes interpelasse com a pergunta padrão pré-Carnaval:

— E vocês? Onde vão passar o Carnaval?

Enchiam o peito, ela orgulhosa, ele seguindo-a:

— Vamos para um retiro mara no interior de Minas. Ficar quieto, sabe?, cuidando da alma. Fugir um pouco do agito do Carnaval para se reconectar com a gente mesmo, entende?

E os amigos assentiam com a cabeça, impressionados com a determinação do casal, enquanto contavam dos planos mais profanos que tinham em mente.



Chegaram ao retiro cedo na quinta-feira de Carnaval. Foram recebidos por um senhor de meia idade, de manto cobrindo o corpo, careca de cabelos compridos sobre um rosto magro, barba grisalha, e sorriso contagiante.

— Babu Sram Papa?

O senhor apenas sorriu em afirmação, apontando para a plaquinha com seu nome grudada em seu roupão.

— Ele está em seu momento de silêncio — disse chegando a Mônica, assistente do guru, e que, aparentemente, comandava a parte administrativa da coisa.



E continuou:

— Deixe-me levá-los ao seu quarto. Acomodem-se, descansem um pouco. Às 10:34h alguém vai aparecer na sua porta para que vocês conheçam nossas acomodações.

O quarto era bem simples, sem luxos, nem regalias, nem mesmo um lençol que não coçasse. Tinha um beliche, uma mesinha com cadeira simples de madeira, uma janela basculante e um ventilador. Nada mais havia. Nem sequer banheiro, que era compartilhado, no fim do corredor, à direita. Monica prosseguiu:

— O guru acredita que interações carnavais prejudicam a evolução espiritual.

Então exigiu que entregassem os celulares, tabletes e computadores e quaisquer outros aparatos tecnológicos. Carlos e Juliana ofereceram os celulares, para ver a anfitriã acenar-lhes com a cabeça e imediatamente ausentar-se, fechando a porta enquanto o casal acomodava suas pequenas maletas.

Às 10:34 em ponto ouviram alguém bater na porta.

Abriram. Deram de frente com um funcionário do retiro, também em seu momento de silêncio, que apenas sorriu e os convidou para o salão principal, onde encontraram mais de oitenta pessoas, todas em silêncio, plaquinhas com seus nomes. Por cerca de uma hora andaram por todos os aposentos do lugar, conhecendo as instalações e os mandamentos. Cada sala tinha seu próprio papel com suas regras, liam com cuidado, devolviam, e seguiam para o próximo ambiente.

Mais tarde, após almoço e um rápido lanche da tarde, de volta ao humilde aposento, anestesiados pelo clima bucólico e tranquilo do local, continuaram o pacto de silêncio e dormiram uma das melhores noites de suas vidas, cada qual em sua cama de beliche, sem consentir aos desejos da carne.



Às 04:45h despertaram naturalmente para cumprir as atividades do dia. E as fizeram com grande alegria. Era sexta-feira de Carnaval, apenas ontem lá chegaram, mas já não tinham noção de que dia era.

Contemplaram a alvorada, cozinharam, limparam, meditaram, fizeram yoga, exercícios de respiração, pilates. Cozinharam de novo, descansaram nas redes sob as árvores do pomar, comeram umas frutas, jogaram restos orgânicos na composteira, praticaram uma atividade de fortalecimento da empatia, prepararam o café da tarde, fizeram seu momento de silêncio. Mais meditação, mensagem para o universo.

Num piscar de olhos, em virtude das tarefas que se acumulavam, estavam prontos para dormir. Exauridos.

Em conformidade com as normas, bons cumpridores que são, primeiro, Juliana usou o banheiro no horário reservado às mulheres; depois Carlos. Banho frio, de água da corrente que nascia ali perto, pura e imaculada.

Na saída do banheiro, um sujeito baixinho o chamou de canto. Estava escuro, pouco podia ver, mas percebeu que se tratava do porteiro-caseiro do lugar, que sempre observava os grupos atentamente aonde quer que fossem. Sussurrando, sem que deixasse que Carlos respondesse em palavras ou gestos.

— Posso melhorar isso aqui. Encontre a antessala do auditório, indo pela parede da mata lateral, às 21:15h em ponto.

Carlos não entendeu o que poderia ser melhorado. Apesar de novato na função das conexões espirituais –tudo por Juliana, a quem amava profundamente– via-se crescendo gosto pelo universo paralelo para dentro do qual seu amor o havia sugado. E não deu muita bola ao diminuto homem.



No dia seguinte, Carlos achou estranho o clima mais descontraído de algumas pessoas. Um deles comentou do Carnaval de Salvador, rompendo o voto de silêncio e perturbando a sua mente de como, afinal, poderia saber o que no além-muros do retiro ocorria, dado o isolamento com o qual tinham concordado; outro estava visivelmente com sono, como se tivesse ido dormir tarde demais; ainda um outro casal trocava carícias e chamegos apaixonados, contrariando o clima de celibato que emanava do local.

Estava almoçando, quando uma criança veio lhe entregar um bilhete durante, exatamente no único instante em que sua namorada havia levantado para repor sua salada de legumes colhidos ainda naquela mesma manhã.

“21:15h, você sabe onde.”

Fechou o papel, no que a criança o puxou para si e saiu caminhando como se nada tivesse acontecido.

Era sábado de Carnaval. Apesar de seguir com retidão todo o cronograma do retiro, não conseguia esquecer o mistério que o intrigava. O que, afinal, significava aquela criança, o baixote, vinte e uma e quinze, aquela mudança de comportamento de tantos?

A curiosidade, insistente, o venceu.

No que sua namorada pegou no sono, ou assim imaginava, dada a escuridão do aposento e do silêncio sepulcral que fazia, seguiu para a antessala no horário indicado. Quando passava pela porta já aberta, viu pequenas luzes no chão da iluminando apenas o suficiente para que pudesse orientar-se sobre que direção seguir. Deu-se às portas de uma espécie de porão com escadas de paredes acolchoadas, e depois de alguns degraus, ouvia um barulho vindo de uma portinhola ao fundo.

Abriu-a receoso, sendo instantaneamente cegado pela forte luz que varreu a escuridão.



Recuperado, tendo esfregado os olhos num esforço para que recobrasse a visão, atravessou o espaço. Dando-se conta do que observava, esfregou os olhos uma vez mais, como se não pudesse acreditar no que estava em sua frente.

Televisões ligadas mostrando os jogos da rodada; uma outra com os desfiles das escolas de samba de São Paulo; mais ao fundo, computadores conectados com o mundo; no bar, onde também funcionava o caixa, estava o baixinho, agora fora das sombras: seu Gervásio, o porteiro.

— Seja bem-vindo, Carlos! Uma bebida? A primeira é por conta da casa.

Absorto, pediu uma caipirinha tradicional, limão, açúcar e cachaça. Pôs-se fora do estado de choque para balbuciar:

— O quê que é isso aqui?

— Ora, meu amigo, você acha que o povo aguenta essa pasmeira durante cinco dias? É Carnaval, meu amigo! Para fora, você pode ser o pudico que exigirem seus amigos, familiares, e sei lá mais a quem vocês contaram onde estariam, e até mesmo a Monica e Papa, que aliás, a essa hora, devem estar entregues aos prazeres da carne, se é que você me entende... Mas aqui dentro é onde a verdade aparece. O que acontece aqui no porão, fica aqui no porão.

Carlos bicou a caipirinha sem crer. Varreu o ambiente com mais cuidado.

— E aquela portinha ali no fundo?

— Quarto para visita íntima.

— Eita! É mesmo, é?

— É! Mas tudo tem um preço!

E não era barato, não.

— Cada noite aqui custa 150 reais de entrada. Quartinho do namoro? 200 reais por uma hora, mas é bom reservar antes que lote. Aqui está o cardápio de comidas e bebidas. Ah! E se quiser, amanhã vai começar um torneio de pôquer, dois mil e quinhentos reais de entrada.

— E o Mengão hoje?
— 4 a 1. Outro patamar!

Do quartinho dos fundos sai o casal que percebeu estar trocando carícias durante o dia. Passaram por ele, deram uma piscadinha. Voltou-se a Gervásio.

— Internet?
— 50 reais, meia hora.
— É boa?
— De fibra.

Pegou sua caipirinha, sentou-se numa das baias com o computador, e foi direto para as redes sociais. Perdeu noção da hora, foi-se embora.



O dia seguinte, Domingo de carnaval, passou demorado. Tinha jogo pelos campeonatos estaduais, desfile no Rio, e, céus, aquela caipirinha estava boa demais... Decidiu retornar ao porão. Assim que à noite nada se fez ouvir, pulou para fora da cama e seguiu rumo.

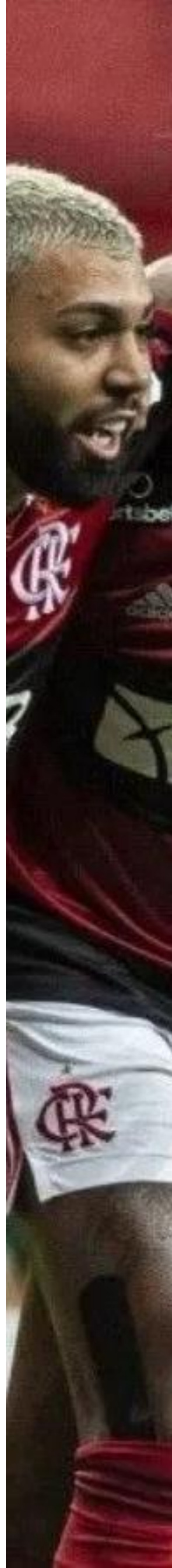
Mas sua consciência pesava. A fim de resolver-se, decidiu caminhar pelo bosque anexo à propriedade para clarear a cabeça. A cada passo, forçava a mente a adular os benefícios do retiro e, pior, esvaía-se em penitências ao projetar o que Juliana ia pensar de tudo aquilo.

Ainda assim, não conseguia parar de pensar em quanto tinha sido o jogo da rodada, no que rolou no campeonato inglês, em como iam a Mangueira e a Portela. Percebeu que só a dúvida já era suficiente para perceber que não haveria outra forma: tinha que ceder e aprumar-se ao porão.

Desceu as escadas resolutamente.

Quando entrou, deu de cara com o lugar ainda mais lotado, com quase todo mundo que ali estava para o retiro. Já lhe trouxeram uma caipirinha de limão, “E o Vasco, que tomou 3 do Ameriquinha hoje?” acompanhado de uma gargalhada, Portela entraria dali a 45 minutos.

— Você gosta de pôquer? Tem uma mesa pra começar agora, agora. Dois e meio pra sorrir. Só falta um. Vai jogar?





Nessa altura do campeonato, perdido por um, perdido por mil, ou por dois mil e quinhentos, que diferença faz?

- Bora! – Respondeu sem esconder a felicidade. – Uísque?
- Claro! Do bom.
- Charuto?
- E a gente lá é amador? Sem charuto não existe pôquer! Mas...
- Sim, eu sei, tudo tem um preço.
- Tá sabendo, hein? Me acompanhe.

Logo ali do lado, numa sala fechada, enfumaçada e fedendo a excelentes cubanos contrabandeados, ele entrou para encontrar outros cinco jogadores já sentados e comentando amenidades com alegria.

- Chegou quem faltava!

Gervásio tratou de fazer as introduções, no que todos se viraram para saudar aquele que completaria a mesa. E ouviu a voz que tanto lhe agradava, desta vez em tom debochado.

- Puta merda, até que enfim, hein, Carlos?

Era, para seu espanto, Juliana, de uísque numa mão e charuto na outra.

- Bora! Senta aqui que já estamos atrasados. Quero ganhar o dinheiro desses trouxas e terminar a mão antes de a Mangueira entrar, na avenida e no quartinho dos fundos!

Falou ela, piscando para ele, no que todos caíram numa sonora gargalhada.

Nessa toada, Domingo virou segunda, que virou terça. De dia, eram eles comedidos e fiéis cumpridores da ordem do retiro. De noite, bebiam, brindavam, brincavam, gastavam, jogavam.

A cada nova volta de relógio, em meio à loucura de um Carnaval improvável estava certo de que nunca mais amaria alguém tanto quanto a Juliana.



A conta, como era de se esperar, ficou salgada na manhã de cinzas.

— É isso mesmo, Gervásio? Tem nem um descontinho?

— Ô, seu Carlos, sabe como é... Esse é o preço do retiro para um espírito leve e sem culpa!

Deu de ombros. “Valeu cada centavo”, disse ele, abraçando Juliana e estendendo o cartão de crédito para a cobrança garantidora de aparências.



De volta à cidade, os amigos perguntavam, curiosos:

— E aí, como foi o famoso retiro?

Encheram o peito, ela orgulhosa, ele ainda mais:

— Ah, foi lindo! É ótimo estar em contato com a natureza e com o lado espiritual, sabe? A gente percebe o que realmente importa na vida.

Abraçaram-se e beijaram-se em cumplicidade.

Todos olhavam admirados a abnegação do casal em pleno Carnaval, externando uma certa ponta de inveja de um sacrifício que jamais seriam capazes de fazer.



46

CONTO POR GABRIEL GALO

REMISSÃO DOS PECADOS

Marinalva era conhecida na região da Vasco da Gama, todas as Brotas existentes, Vale do Ogunjá, Vale da Muriçoca, rompendo a barreira do Rio Vermelho, seguindo de lado a lado, da Barra até a orla principal da cidade de Salvador, e voltando, criando monta até em Nazaré. Seu nome está na boca de quase todo mundo.

— Lá é vem Marinalva...

No que na vista de sua chegada, os homens se reuniam, faziam suas apostas, decidiam no par ou ímpar, qualquer que fosse a regra para ver quem ficaria com a bendita naquele dia.

Sua fama era notória, garantia de aconchego a quem tirasse a sorte de chegar primeiro. Era facilmente convencida a deitar-se com quem quer que fosse. E deitava-se. Não era de exigir muito. E assegurava aventuras a quem mais destemido.

Marinalva não trabalhava. Vivia a esmo, de shortinho curto, blusinha com umbigo de fora, chinelo de dedo e celular na mão, cabelo preso criando um certo pompom em vez de rabo de cavalo. Mascava sempre um chiclete de maneira um tanto espalhafatosa, boca aberta mastigando e sacolejando a goma de lado a outro.

Quando passava e ouvia os gracejos dos marmanjos que emitiam seus cantos de acasalamento na esperança do bilhete premiado, sorria largado, já virando a cabeça, apontando com a ponta do dedo para aquele que lhe agradava, e sem nem trocar papo, sumiam no beco mais próximo.

Nessas, ganhava um trocado aqui e ali, “pra colocar crédito pro zap”, “pra pagar uma conta”, e assim ia sobrevivendo.

A certeza do chamego contrastava com o obscuro de seu passado. Ninguém conhece a história de Marinalva. Nada. É uma incógnita.





O acordo tácito entre as partes é de exclusiva e inegociável comunhão carnal. Qualquer quebra é rechaçada no instante. Quando não mandada, mas perguntada, encerra papo e larga de cara feia o intruso-onde-não-se-deve, se picando sem se ajeitar, como se em fuga.

Alguma coisa acontece, contudo, quando chega o Carnaval.

Marinalva se arruma. O shortinho curto permanece. O chinelo dá lugar a um tênis sujo e maltratado, embora cumprindo sua função. O umbigo desaparece e dá lugar a uma blusinha um pouco mais folgada, com um pouco mais de detalhes, que ela coloca para dentro do short. Ajeita o cabelo com carinho, até maquiagem se arrisca a fazer.

Assim, paramentada ao seu modo, segue para os circuitos de blocos, onde quer que eles estejam. Invade a pipoca com propriedade, no molejo de quem já está acostumado, fugindo de cotoveladas de geral e de safanão da polícia.

Ali, solta o corpo para que seja carregada pela horda, como uma rainha do Egipto, sobre os braços negros, suados e cansados dos seus súditos. A música invade seus ouvidos, e ela se transporta. Entra em transe. É o som, a batida, a multidão. A entrega.

Marinalva voa.

E durante toda a festa, nem um beijo na boca. Muitas são as tentativas. Mas na malemolência de quem corre da opressão da pipoca com facilidade, desvencilha-se sem grandes dificuldades.

— Marinalva, meu amor!

De vez em quando alguém a reconhece, já jogando charme achando que vai dar jogo. Ela apenas encara o pretendente com firmeza, sem trocar uma palavra, seus olhos gritando “se saia!”, e danado some à procura de seu novo amor.

Talvez acreditando que vai encontrar um grande amor no Carnaval baiano. Talvez seja a esperança de rever o grande amor que um dia a prometeu o mundo, mas a deixou às traças e desencantada no Vale da Muriçoca.

Ou talvez seja a busca desesperada pela remissão dos pecados, pela sua conduta que julga incorreta. E enquanto todos libertam sua sexualidade a um simples cheiro, ela a retém e escapa na dança, na soltura a uma nova dimensão.

Ao fim, quando na quarta-feira o sol já não mais se vê e a dispersão na praça do poeta se faz, ela chora copiosamente, sem que ninguém testemunhe.

Sabe que a realidade virá com sua mão pesada e seu mau hálito já no dia seguinte. Que seu refúgio tinha hora para acabar, embora sonhasse, Poliana, que ele se estendesse por mais tantos dias e eternamente. Que, por mais que queira, faltam forças para mudar aquilo a que foi condicionada.

De um modo, eram duas Marinalvas. Preferia a efêmera, sentia-se mais humana.

Na remissão dos pecados de sua libido insaciável, era-se a mais poderosa das mulheres do mundo, ao entregar-se a si e ao som, na negação provando sua força, quando, enfim, direcionava para seu próprio benefício suas atitudes, fazendo-se presente no mais improvável dos momentos.

Com aquela Marinalva ela se deitaria; mas aquela Marinalva jamais se deitaria com ela. E quem haveria?

— Diga aí, minha preta... Tudo bom?

Começavam já cedo os agrados no dia seguinte. Haveria quem. Sempre haverá.

Incorporada da permanência que enterrava a outra até a folia de para o ano, aponta seu dedinho para um deles, e some ali virando à direita.

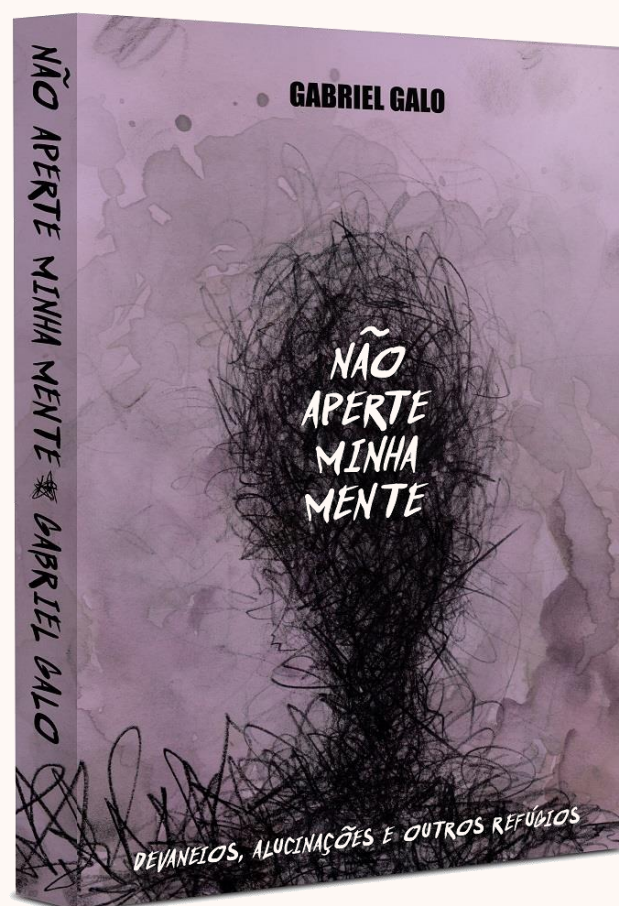


HORA DO
MERCHAN

COMPRE JÁ OS 2 NOVOS
LIVROS DE GABRIEL GALO
COM SUPER DESCONTO.
AGORA. VAI. CORRE.



A inescapável breguice do amor
(2020, 200 páginas)



Não aperte minha mente
(2020, 208 páginas)

Últimas unidades da 1ª edição, com preço promocional, dedicatória exclusiva + .pdf para você ler onde quiser: **R\$ 24,90** cada + frete.

QUERO COMPRAR!

Disponível também para Kindle e no Google Play.